

Universidade de Brasília- UnB

Faculdade de Educação - FE

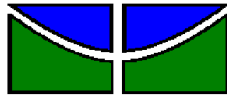
Vivências pedagógicas na Escola Classe 22 Do Gama



Fonte: cadernodeprosas.blogspot.com

Deivison Brás Gomes

Brasília, maio de 2012



Universidade de Brasília-UnB

Faculdade de Educação – FE

Vivências pedagógicas na Escola Classe 22 Do Gama



Deivison Brás Gomes

Orientadora: Prof. Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho.

Brasília, maio de 2012

Deivison Brás Gomes

Vivências pedagógicas na Escola Classe 22 Do Gama

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Profa. Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Deivison Brás Gomes

Vivências pedagógicas na Escola Classe 22 Do Gama

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Profa. Dr. Sônia Mariz Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

HOMENAGEM

A todos os meus familiares e especialmente os meus pais que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos especiais de minha vida. Sendo alicerce de minha construção social, e contribuindo de forma fundamental para a minha caminhada ao longo da de minha vida.

Aos meus professores do curso de pedagogia, que foram fundamentais em minha caminhada, principalmente nos momentos mais difíceis, que tanto contribuíram para minha formação durante esse percurso. E em geral a todos que me encorajaram e que me ajudaram direto ou indiretamente ao longo de minha vida acadêmica

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus amado, que me deu força e luz para conseguir ingressar nesta universidade e permanecer até o final, pois é com muita dificuldade que estou a concluir este curso.

À minha mãe, Maria Gilvaneide Brás, e meu pai Davi Gomes da Silva, que desde o meu nascimento sempre acreditaram em mim e em meu potencial.

Aos colegas de curso e de trabalho que contribuíram para o enriquecimento de minha formação e de minha experiência em sala de aula.

Aos professores da Faculdade de Educação que participaram do meu processo de formação, com seus conhecimentos e experiências.

Aos meus alunos que muito me ensinaram durante esta caminhada.

À professora Dra. Sônia Mariz Salles Carvalho, que sempre me incentivou durante meu percurso de acadêmica, me auxiliou como coordenadora do curso resolvendo meus problemas de horários e de disciplinas, pois sempre necessitei trabalhar para me manter na universidade, e por fim me orientando na elaboração deste trabalho de monografia.

EPÍGRAFE

"A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida". (John "Dewey")...

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO...	11
PARTE I	
<u>MEMORIAL</u>: Vivendo e aprendendo	
1.1. Nascimento e infância...	12
1.2. Entrada na escola (Educação Infantil e Ensino Fundamental).....	12
1.3 Ingressos na Faculdade de educação.....	13
1.4 Ingresso na SEEDF.....	15
PARTE II:	
Vivencias pedagógicas na Escola Classe 22 Do Gama	
CAPITULO I 2.1 Aporte teórico.....	18
CAPITULO 2:2 Práticas pedagógicas na escola.....	27
PARTE III	
Perspectivas para o futuro profissional.....	33
Anexos.....	35
Apêndices.....	52
Referencial bibliográfico.....	57

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto minhas vivências pedagógicas na área da educação, e mais especificamente, de experiências pedagógicas relatadas, entre o período de fevereiro a dezembro de 2010, vivenciadas na Escola Classe 22 do Gama,

Encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte, encontra-se o meu Memorial, onde falo sobre minha vida desde o nascimento. Passando pelo ingresso na escola, e como a escola influenciou em minha decisão de ser professor.

Na segunda parte, discorro sobre o aparato teórico que vem ser de muita importância para o entendimento de minha vivencia como professor SEEDF relatado no presente trabalho. Contemplo ainda nesta parte uma descrição da localidade onde está inserida a escola, para que se possa ter noção das vicissitudes, sócio culturas envoltas neste processo.

Por fim, na terceira parte, traço uma perspectiva de meus projetos futuros na área de educação. Encontram-se ainda nesta parte, os anexos e, que demonstram a aplicação dos projetos citados no corpo do texto, e, ainda, nos apêndices trago algumas ilustrações que visam a contextualizar o ambiente escolar.

PARTE I

MEMORIAL: VIVENDO E APRENDENDO

1.1 Nascimento e infância

Meus pais Davi Gomes E minha Mãe, Maria Gilvaneide Brás, oriundos ambos de Pernambuco, por força d destino vieram se conhecer aqui em Brasília, depois de 4 anos de namoro se casaram, 2 anos depois eu nasci, em 24/03 1987, data que por acaso os hospitais passavam por uma greve geral de médicos. Depois de muito procurar hospital que os recebesse, nasci no hospital Presidente Médici, Hoje atual HUB.

1.2 Entrada na escola

Morei toda a minha infância, nas cidades do Gama e Santa Maria, ingressei na escola aos 6 anos no Caic Albert Sabin, e cursei os primeiros anos da educação básica neste espaço, aos 11 anos, fui promovido para a 5 série e mudei de escola, ingressando na escola CEF 308 também em santa Maria, escola a qual tinha a fama de ser muito violenta e de não formar bons alunos, tirei a prova daquele ditado que diz que quem faz a escola é aluno, sempre me destaquei em sala e fiz grandes amigos, tanto alunos como professores. Nesta escola tive grandes mestres, que me incentivaram muito a seguir em frente em meus estudos, nessa escola ainda participei de vários projetos, tais como Sarais literários, Xadrez(que até hoje me facina)entre outros.

No ano de 2002, iniciei o Curso Normal (Magistério). Estudava em período integral, foram os três anos bastante corridos de muita luta . Éramos além de tudo uma família, dividíamos momentos bons, ruins, alegres e tristes. O curso era muito bom, os professores comprometidos, por isso me identifiquei com a profissão: professor.Tive meus primeiros contatos com a sala de aula, nos estágios supervisionados. Foi uma experiência gratificante.

Ainda no curso normal, participei do movimento estudantil, o que me deu uma visão mais abrangente, sobre educação, política, participei de diversas manifestações e protestos em favor de melhorias em minha escola e na educação pública como um todo. Participei ainda do Grêmio estudantil, onde pude entender

um pouco do histórico do movimento estudantil brasileiro, pude também exercer e reivindicar meus direitos como estudante, e saber discernir questões importantes sobre políticas públicas no DF e nacionais.

Este curso foi realmente de grande importância em minha formação profissional e também para a vida.

Ao fim do 3 ano prestei a prova do PAS da UnB para letras, mas por pouco não entrei. Resolvi então tentar uma outra coisa: cursar um curso superior em uma faculdade particular, como não dispunha de recursos para pagar minha graduação, fiz a prova do ENEM, sendo aprovado com bolsa de 100%, comecei então no ano de 2006 o curso de Pedagogia na então FAC-GAMA (hoje Fortium) mas o destino mudou os planos, ainda no primeiro semestre na FAC-GAMA fui aprovado no vestibular UNB 1/2006. Tranquei a faculdade que fazia na cidade do Gama e comecei a frequentar as aulas como aluno da UNB.

1.3 Ingresso na Faculdade Educação

Ao longo de minha vida acadêmica, sempre pensei em ser professor, entrar na UNB, não tinha muita ideia se o curso de pedagogia era realmente aquilo que queria, já tinha feito o Magistério, e por isso achava que a faculdade seria repetitiva e cansativa, (puro engano) pensava em fazer História, ou Geografia, mas agora uma oportunidade de cursar pedagogia se apresentava como uma boa notícia para mim. Logo nos primeiros semestres pensei em trancar o curso, mas com o passar do tempo comecei a gostar dessa área e descobri que tinha um perfil para atuar na educação.

Dentre as matérias que, marcaram minha trajetória na Faculdade de Educação: muitas me marcaram, mas algumas delas foram bases sólidas para minha formação, como Didática fundamental, que me deu uma bibliografia forte e condizente com uma pedagogia moderna e bem situada no mundo atual. Outra matéria que me recordo com carinho, foi o Educando com PNEE, onde ter uma visão bastante diferente das pessoas com necessidades especiais, e uma educação voltada para essas pessoas. Ainda no falado de matérias importantes, não posso deixar de falar da Filosofia da Educação, que tratou de forma exemplar de abrir

minha mentalidade sobre a educação em geral, e mais específico ajudou a entender melhor a função do professor na atualidade e sua missão diante da sociedade.

Em 2009 Iniciei meus projetos acadêmicos na área de Economia Solidária, tema até então desconhecido por mim, tratava-se de um assunto importante e de contexto social complexo. A primeira etapa permitiu me conhecer os princípios e histórico da Economia Solidária no mundo e no Brasil: a valorização social do trabalho humano, a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica, o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade, a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e os valores da cooperação e da solidariedade, e uma visão bem mais rebuscada sobre o capitalismo, e suas formas de controle, mas que ele nem sempre é alternativa única de sobrevivência e de vida.

Na segunda fase do projeto 3 realizei um trabalho com o professora Luciana Gomide, No projeto Pedagogia e Cinema, onde foi pude fazer uma análise profunda das mídias relacionadas diretamente com o contexto escolar, através de filmes e documentários, embasados em contextos educacionais fortes e contundentes. Neste projeto o objetivo fundamental, era compreender de que forma as mídias, poderiam ser usadas e trabalhadas como forma pedagógicas em sala de aula.

Em meu projeto 4 voltei a trabalhar com a professora Sônia Marise. Realizei uma pesquisa na escola onde trabalhava e que veio a ser base para a elaboração deste projeto, o estudo era constituído de relatos de experiências vivenciadas na escola acima mencionada, escola esta que foi uma das mais importantes experiências em minha trajetória profissional.

1.4 Ingresso na SEEDF

No ano de 2009, consegui uma vaga para Professor Temporário da Secretaria de Educação do DF, (onde estou atualmente). Iniciei trabalhando com uma turma de terceira série do CAIC Carlos castelo branco, na hora escolha de turma confesso que o que me motivou a dar aulas nesta escola foi o fato de ter estudado em CAIC e ter boas recordações daquela escola, eram 30 alunos com distorção de idade e série.

Em 2009, ainda No Caic Carlos Castelo Branco, com esses alunos de terceira série ,tive bastante trabalho, eram crianças de classe baixa e carentes de quase tudo., a maioria não tinha acompanhamento da família, e quase sempre vinha sem material, a violência também era problema recorrente daquela comunidade escolar, havia inclusive alunos envolvidos com gangues.

O trabalho no CAIC do Gama, com essa turma foi um grande desafio para mim, tendo em vista que eu nunca tinha dado aulas de fato para crianças, a turma era muito inquieta e era vista como uma das mais problemáticas escola, pois haviam muitos alunos com defasagem série/idade, além de muitos alunos com histórico de mau comportamento na escola.

No ano seguinte trabalhei na escola classe Gesner Teixeira, uma outra realidade, uma escola na divisa do DF com o Município goiano de Novo Gama, (apenas um rua separa a escola do Novo Gama), essa escola tinha uma peculiaridade, quase todos os alunos matriculados moravam nos bairros goianos,

A escola, mostrou ser uma experiência única de aprendizado para mim, trabalhei com projetos, a escola era muito comprometida com a aprendizagem dos alunos, trabalhei com várias turmas em um projeto Chamado Pote de Baiaré, onde cada professor de uma determinada série, atuava em todas as turmas daquela série mas com apenas uma ou duas matérias, Fiquei com a disciplina de matemática e Educação física. Pude conhecer as várias realidades da escola e fiquei muito entusiasmado com essa forma inovadora de trabalhar.

No ano de 2001, mudei de escola novamente, dessa vez fui para escola classe 22 do Gama, local o qual foi objeto deste trabalho final de curso, e no qual trabalhei como professor regente por 1 ano.

Parte II

1.1 Aporte teórico

A escola é um espaço plural, com identidade única e cultura própria, isso se dá graças à riqueza dos seus atores, com valores diferentes e experiências de vida variadas.

Por ser multicultural precisa estabelecer objetivos pautados no bem comum da coletividade garantindo a representação das potencialidades e dificuldades dos envolvidos nas dimensões pedagógicas, administrativas e físicas.

Segundo Silva (1987, p. 147), “a escola é uma organização gerada pela interação de uma pluralidade de agentes individuais (professores, especialistas, diretores, alunos, etc.), cujas atividades são mutuamente orientados, Isto é, são definidas e transmitidas por um sistema de expectativas culturalmente estruturadas e compartilhadas”.

Deve ser uma sociedade, um lugar onde se aprendam regras de vida em comum, contribuindo para a estruturação do cidadão consciente do seu papel na sociedade em decorrência das necessidades democráticas vitais para todos os envolvidos no processo educacional.

Nesse contexto pretende-se resgatar o papel da família, bem como os valores a ela atribuídos, a melhor maneira de trabalhar família/escola é criando sintonia entre as partes, onde a instituição considere as necessidades familiares no que diz respeito aos aspectos psicológicos, sociais e éticos de uma relação significativa com o outro, na garantia da formação processual dos alunos, promovendo o crescimento do indivíduo dessa estrutura de “ser cidadão”, e em linhas gerais é dever de ambas.

Nesse sentido busca-se integrar a aprendizagem à realidade do aluno, contextualizando e valorizando suas experiências, mediando as relações entre o saber e as construções que a criança faz em sua existência.

“Aprendizagem significativa é mais do que acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe, ou nas suas atitudes e personalidade. É aprendizagem penetrante que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente em todas as parcelas de sua existência”. (Rogers, 1988).

Ao se propor uma aprendizagem contextualizada pretende-se realizar um trabalho à luz da teoria construtivista, oportunizando situações de participação ativa

no processo de ensino-aprendizagem, respeitando as diferenças e valorizando a contribuição das experiências dos alunos para que este possa canalizar as informações recebidas, levantar, testar e ou descartar hipóteses e finalmente construir o conhecimento alicerçando sua identidade cidadã. (Plano de Trabalho da Gestão Escolar, 2008).

Assim ainda para garantir a qualidade do ensino e aprendizagem contextualizada, o trabalho será pautado nos quatro pilares da educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

A educação assim concebida indica a função da escola voltada para a realização plena do ser humano alcançada pela convivência e pela ação concreta qualificadas pelo conhecimento.

A forma integrada e participativa, flexível à mudança, e a ação conjunta, onde cada elemento do processo ensino-aprendizagem é responsável pela busca, construção e partilha das experiências, garante o comprometimento dos atores envolvidos ao mesmo tempo em que valoriza a contribuição e a importância de cada um na construção de uma escola ideal e democrática.

Na busca da qualidade da aprendizagem, busca-se desenvolver um projeto tendo como base o currículo fundamentado em competências e habilidades, ou seja, proporcionar por meio do currículo um espaço de inclusão social, onde são identificadas e combatidas todas as manifestações de preconceito, discriminação e exclusão, onde se garanta o reconhecimento da pluralidade social e a diversidade cultural, pautando-se todo o contexto na construção de valores, ética, autonomia, participação e cidadania.

Nessa perspectiva é oportuno citar a preocupação com a realização satisfatória desse fazer pedagógico, Vasconcelos (2002), destaca a importância de três dimensões que devem ser consideradas: conceitual, procedimental e atitudinal. Tais dimensões podem estar presentes na ação pedagógica e no cotidiano da instituição.

Dimensão atitudinal envolve valores, interesses, sentimentos, disposição interior, convicções. A dimensão procedimental envolve o saber-fazer e a dimensão conceitual envolve a construção e a desconstrução, saberes disciplinares, conhecimento e clareza conceitual.

Para promover o desenvolvimento da aprendizagem é necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça o trabalho coletivo e contextualizado, e ainda a valorização de cada elemento participante do processo na busca incessante do aumento da auto-estima e na descoberta das potencialidades.

A organização da sala de aula passa necessariamente pelo compromisso que se estabelece com o conhecimento, refletindo a forma, daquele grupo específico, se relacionar com ele.

Quando a ação educativa é pautada no princípio de que as ações e interações do sujeito que conhece são fundamentais, no seu processo de aprendizagem, o espaço para a realização das atividades deve favorecer as interações e ações, ou seja, onde possa construir escolher, decidir, criar, experimentar, agrupar, separar e trabalhar com os colegas, sozinho e em pequenos grupos..

A Constituição Federal do Brasil estabelece o princípio de que:

[...] **Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. [...]

Em seu artigo 206 inciso I, diz que o ensino será ministrado a partir do princípio de igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Assim como a Constituição, a Lei de Diretrizes e Bases também aborda o assunto e aponta em seu artigo 3º inciso IX garantia de padrão de qualidade e no inciso IX vinculação entre a educação escolar e as práticas sociais.

Constatamos inúmeros princípios norteadores para o trabalho da escola imprescindíveis à toda a equipe escolar envolvida atendendo os ditames da lei, como também fazendo-a cumprir o que conseqüentemente recai sobre a escola no sentido de sua função social, política e pedagógica. E para tanto Freire (1996) nos atenta: 1996) nos atenta:

A escola é o lugar onde se faz amigos. (...) Gente que trabalha, que estuda. Que alegre, se conhece, se estima. (...) Numa escola assim vai ser fácil! Estudar,

trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. E por aqui podemos começar a melhorar o mundo.

Quanto ao alcance dos objetivos da escola Libâneo (2004, p.53-4) propõe cinco objetivos que devem ser alcançados:

“1. Promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos (processos mentais, estratégias de aprendizagem, competências do pensar, pensamento crítico), por meio dos conteúdos escolares.

2. Promover as condições para o fortalecimento da subjetividade e da identidade cultural dos alunos, incluindo o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da imaginação.

3. Preparar para o trabalho e para a sociedade tecnológica e comunicacional(...)

4. Formar para a cidadania crítica, isto é, formar um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para o mercado de trabalho.

5. Desenvolver a formação para valores éticos, isto é, formação de qualidades morais, traços de caráter, atitudes, convicções humanistas e humanitárias.”

É justamente na discussão sobre a função social dos sistemas de ensino que encontramos uma preciosa vinculação entre a teoria de Bourdieu e a educação, sobretudo para pensar a realidade brasileira. Os autores claramente indicam que, na década de 1960, Bourdieu ofereceu um “novo modelo” de interpretação sobre escola e a educação que, ao menos num primeiro momento, apareceu como “capaz de explicar tudo o que a perspectiva anterior não conseguia”, pois na instituição social em que as pessoas enxergavam “igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais.” Apontam, igualmente, que na visão do sociólogo a escola perdeu seu papel de instância “transformadora e democratizadora das sociedades” e passou a ser vista como “uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.” (p.14-15). De acordo com os autores, portanto, a obra de Bourdieu demonstra que “a cultura escolar, socialmente legitimada, seria, basicamente, a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes.” (p.85).

Contra esta perspectiva, passamos a analisar a escola dentro da perspectiva do currículo, pensar neste currículo na Escola é atuar na formação plena do indivíduo no processo de construção do seu “ser/gente”, na ampliação dos conhecimentos e valores humanos.

Com o objetivo de contribuir para a construção permanente de um currículo escolar, vivo, flexível e dinâmico.

A escola discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos. Delimita suas prioridades, define os resultados desejados e incorpora a auto-avaliação ao trabalho do professor. Assim, organiza-se o planejamento, reúne-se a equipe de trabalho, provoca-se o estudo e a reflexão contínuos, dando sentido às ações cotidianas, reduzindo a improvisação e as condutas estereotipadas e rotineiras que muitas vezes são contraditórias com os objetivos educacionais compartilhados.

A contínua realização do projeto educativo provoca o conhecimento das ações desenvolvidas pelos diferentes professores, sendo base de diálogo e reflexão para toda a equipe escolar. Nesse processo evidencia-se a necessidade de participação da comunidade, em especial dos pais, tomando conhecimento e sugerindo nas propostas da escola e em suas estratégias. O resultado que se espera é a possibilidade dos alunos terem uma experiência escolar coerente e bem sucedida.

Deve-se ressaltar que uma prática de reflexão coletiva não é algo que se atinge de uma hora pra outra e a escola é uma realidade complexa, não sendo possível tratar as questões como se fossem simples de serem resolvidas.

Há preocupação em preservar o desejo de conhecer e de saber **com que todas as crianças** chegam à escola. Trabalhar de acordo com a proposta do Bloco Inicial de Alfabetização, buscando a melhoria da qualidade do ensino, com a consolidação de ações coletivas que garantam a formação do cidadão dentro do eixo integrador do BIA: alfabetização/letramento/ludicidade, para isso há necessidade de reflexão sobre a prática, de organização do trabalho coletivo, de criação de momentos de formação continuada, e principalmente da concretização das ações planejadas e ainda de sensibilização de todos os atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem, para a importância da contribuição de cada um.

Pretende-se ainda explorar conceitos relevantes, constantes no cotidiano da sociedade contemporânea: identidade, cultura, raça, etnia, alteridade, sexualidade e multiculturalismo.

Há que se ampliar o sentido de cidadania, enfatizando a necessidade de desmitificar a idéia de “democracia racial” em que vivemos, que camufla o verdadeiro quadro de preconceito e exclusão. Pretende-se buscar conceitos de palavras tão usadas e pouco entendidas pelos atores do contexto escolar: preconceito, discriminação, racismo são expressões cotidianas que se concretizam nas ações e falas veladas desses indivíduos em suas relações sociais, mais fortemente abominadas em seus discursos.

Por ocasião do recebimento do formulário do Ministério da Educação, onde uma pergunta deveria ser respondida acerca da consideração sobre a raça/cor do seu (sua) filho(a), a maioria dos responsáveis apresentou resistência na identificação ou ainda para assumir, marcando um ítem não condizente com a realidade.

A escola concluiu a partir de análise desse fato e observações do cotidiano escolar a dificuldade de aceitar sua própria origem, outro aspecto importante a ser considerado é que a sociedade está formada por uma visão cultural hegemônica de caráter mono cultural, não há resistência da nossa comunidade a esse sistema, que acreditam ser normal.

A intenção é promover uma educação para o reconhecimento do outro, para que isso aconteça, há outra necessidade anterior, a princípio é preciso fazer com que cada um conheça, explore e construa sua própria identidade, que faça uma retrospectiva, buscando na história de sua vida, a raiz de sua existência, conhecedor de suas origens, valorizando e respeitando a construção da sua identidade, encontrará no mesmo percurso a via central para o reconhecimento da história do outro e da sua contribuição na formação do povo brasileiro, história que pertence a todos.

O conceito de multiculturalismo também é relevante para enfatizar a questão específica que se objetiva com essa ação, a proposta é articular ações que concretizem o pensamento e reflexão sobre as diferenças no seio escolar e num universo mais amplo. Trabalhar o multiculturalismo na escola não é simplesmente lançar mão de imagens de todas as etnias nos murais da escola, realizar

comemorações com músicas, danças no dia do índio ou lembrar a história da escravidão no Brasil e listar os negros bem sucedidos do país e do mundo, no dia nacional da consciência negra, não são ações isoladas, com data e hora que garantem as transformações pelas quais precisamos passar para retirar do papel a escola e a sociedade que almejamos. As mudanças precisam ser mais profundas, pois terá início na reflexão dos conceitos já formados de cada um nas estruturas de poder estabelecidas nas relações do contexto escolar, nos paradigmas tão arraigados em cada um durante tanto tempo.

O ideal é a construção de um trabalho coletivo pautado em ações reflexivas de reconstrução e de aprendizagem de todos, é preciso fortalecer a autonomia, aprender a ter segurança nos passos, nesse contexto, unindo os retalhos de cada experiência será possível garantir o espaço de cada um, contar com a essência e a contribuição de todos na “confecção” de um grande pano, onde todos são importantes e a partir de então disseminar esse sentimento que vai se expandir além dos limites do muro da escola, ganhará espaços mais amplos: o bairro, a cidade , o país, o mundo.

Ao adotar como êxito metodológico a ênfase nas aprendizagens significativas, o currículo privilegia as habilidades e competências que se apresentam em decorrência dessas aprendizagens. Desde a Educação Infantil, o referencial de habilidades e competências tem sido o instrumento de trabalho da Escola, do professor e do aluno.

Desenvolver habilidades e competências pressupõe disponibilizar, na estrutura cognitiva, objetivando um agir eficiente em situações complexas da vida do aluno.

Encontra-se nos Temas Transversais, a forma de orientar a educação escolar em seus princípios básicos: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação, co-responsabilidade pela vida social.

A escola com seu comportamento ético, moral, político e social, com suas habilidades, competências e valores, domina o saber ser, o saber fazer e o saber estar em um mundo que, cada vez mais, depende da conscientização do próprio homem para manter-se e perdurar para as gerações vindouras.

Assim, a Educação no Distrito Federal, adequada à Lei nº 9394/96, às Diretrizes Nacionais, aos Parâmetros Curriculares Nacionais e à Resolução nº 02/98

e 02/99 – CEDF dispõe que o mundo, em processo de globalização e transformação, impõe-se à sociedade que necessita de novas condições, de novos instrumentos e de novos parâmetros e valores para modificar-se e aprimorar-se.

A preocupação, sempre constante, pelo sucesso escolar do aluno sugere ao sistema educacional atender, mediante propostas alternativas, alunos que apresentem dificuldade em sua trajetória escolar.

Sabemos que adotar, pois, uma proposta pedagógica alternativa de Aceleração de Aprendizagem é um dever da escola. Recuperar e fortalecer o auto-conceito, auto-estima, e possibilitar que aprendizagens sejam realizadas em circunstâncias distintas das do processo convencional significam, por parte da escola, o resgate de uma clientela que a própria escola exclui de seus processos.

A escola dever local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural onde todos os credos, as manifestações populares e diferentes modos de vida sejam respeitados e compartilhados harmonicamente.

O coletivo tem refletido sobre como devem ser essas relações sócio-econômicas e ambientais para se tomar decisões adequadas a cada passo na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, harmonia nas relações, qualidade de vida e equilíbrio ambiental.

A escola cumpre papel destacado na formação dos cidadãos para uma vida saudável, na medida em que os graus de escolaridade em si tenham associação comprovada com o nível de saúde da população. A discussão e a elevação do tema “saúde” em âmbito curricular, leva a escola ao papel de formadora de protagonistas capazes de valorizar a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva.

O trabalho de Orientação Sexual na escola visa propiciar aos jovens a possibilidade de exercícios de sua sexualidade responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento oferece critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como o reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas. Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Os conteúdos dos Temas Transversais, assim como as práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos reverta em produções do convívio escolar e da comunidade.

O desenvolvimento de projetos de trabalho tem sido uma alternativa utilizada por alguns professores no intuito de reverter esse quadro de ensino de Matemática para um contexto mais significativo para o aluno.

Dessa forma, os conteúdos contextualizados encontram significados e o aprender fica mais fácil e importante.

CAPITULO II

2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA

Para entender melhor o universo da escola, precisamos primeiro entender o contexto em que ela esta inserida, nesse caso o contexto da cidade do Gama.

O gama, enquanto região administrativa do DF tem sua história quase que confundida com a história da criação de Brasília, a começar por sua planta, que concorreu junto com a tão famosa planta de Lúcio Costa e ficando em segundo lugar, foi implantada então nesta tão acolhedora cidade.

Embora não se tenha conhecimento exato da origem da palavra GAMA com que se intitulava a fazenda que emprestou seu nome à cidade, uma coisa é certa: ela partiu do Platô do Gama onde se localizavam as cabeceiras do ribeirão do mesmo nome

Fundada em outubro de 1960, seus primeiros habitantes eram trabalhadores da Barragem no Paranoá nos tempos em que Brasília era construída.

Era dividida em quatro setores residenciais (norte, sul, leste, oeste) e um central para o comércio e agências bancárias.

Por alguns meses, os moradores do Gama não tinham água nem luz, problema que foi solucionado logo, a Usina Saia Velha passou a fornecer luz à cidade e pouco depois o Ribeirão Ponte Alta foi canalizado para abastecer a cidade.

Em 12 de outubro de 1967, a cidade foi oficialmente inaugurada marcando este período como sendo o de sua fundação.

Segundo pesquisas sobre o assunto, constado "ALMANACH DE SANTA LUZIA" publicado em 20 de novembro de 1920 sob o título "SANTA LUZIA - Esboço Histórico e Geográfico da Cidade e Município", os trechos seguintes:

Antônio Bueno de Azevedo tendo trabalhado com seu pai nas minas de Paracatu durante quase dois anos, em meados de agosto de 1746 formou, naquele povoado, uma volumosa bandeira, composta de amigos, patrícios e grande número de escravos e, à frente da caravana, marchou em rumo de noroeste, atravessou a Serra de Lourenço Castanho, o rio São Marcos, as belíssimas veredas que ficam entre este rio e o ribeirão dos Arrepêditos, e, no dia 24, aportou à margem esquerda de um outro rio, a que chamou de São Bartolomeu, em louvor ao santo do dia. Partiu para oeste a 11 de dezembro. Atravessou dois ribeirões e algumas chapadas e, no dia 13 ao descambar da última, fez alto na praia de um bonito riacho. Tendo

observado que no leito do córrego, ao longo das estrias de esmeril, brilhavam ao sol do meio dia, faíscas do fidalgo metal, mandou lavar um punhado daquela areia e, tal foi a quantidade de ouro que se mostrou aos olhos ambiciosos e fiscalizadores, que, por momentos, teve a cabeça inteiramente desvairada.

Mergulhado naquele prazer de riquezas, prazer que se misturava com a dúvida da desconfiança, mandou diversas vezes repetir a operação e, tanto ouro em granitos e palhetas encontrou, que o nobre paulista, genuflexando-se reconhecido, ergueu com sua gente, fervorosa prece à Santa Luzia, heroína do dia, e dedicou a esta valorosa mártir as minas que acabava de descobrir e a povoação que nelas ia fundar.

Dentro de pouco, eram lançados os fundamentos de uma importante povoação, nas duas margens do riacho que, pela lavagem de ouro, tinha suas águas constantemente barrentas e que, por isso, ficou chamado de Rio Vermelho. No começo do ano de 1747, chegou a Santa Luzia o padre LUIZ DA GAMA MENDONÇA, o primeiro sacerdote que penetrou no acampamento dos mineiros. A primeira missa foi celebrada, a pedido de Bueno, no dia 25 de março, em um altar improvisado decentemente, junto à grande cruz erguida a 14 de dezembro último.

Na época o padre, aquele que levava sempre seus ofícios às massas nas mais distantes localidades e era normalmente venerado, nada mais justo seria se supor que, em homenagem ao padre da GAMA Mendonça, fosse dado ao Platô e ao Ribeirão o nome de GAMA, uma vez que, nenhuma outra família existiu por estas bandas com nome ou prenome GAMA. Anos mais tarde este foi o nome de uma das quatro fazendas que deram origem à cidade. As outras fazendas se chamavam: ALAGADO, PONTE ALTA e IPÊ.

Veja abaixo, outro trecho retirado do site da administração do gama que conta um pedaço desta história que a grande maioria dos moradores do DF desconhece:

Com a transferência da Capital da República para o Planalto Central, tanto o ribeirão como as áreas que pertenciam à fazenda Gama ficaram dentro da área escolhida para sediar a nova capital do Brasil. Conforme o Censo Experimental de Brasília de 1959 residiam na futura área do Gama cerca de 1.000 pessoas, assim distribuídas: nos arredores da Fazenda Gama, 587; na Fazenda Ponte Alta, 259; e na Fazenda Ipê, 108 habitantes. Foram assentados, no local da futura cidade, 30 famílias retiradas da barragem do Lago Paranoá, devido à finalização da obra da barragem. Assim nascia o Gama.

Segundo os registros da Freguesia de Santa Luzia, hoje Luziânia, que ainda se encontram no departamento de Terras e Colonização de Goiânia, a Região Administrativa do Gama está localizada em terras que pertenceram às fazendas do Ipê, Alagado, Ponte Alta e Gama, tendo esta última dado origem ao nome da cidade.

A RA II foi criada através da Lei n.º 49/89 e do Decreto n.º 11.921/89, que fixa os novos limites das Regiões Administrativas do Distrito Federal.

Até 1989 a RA II englobava o Núcleo Urbano de Santa Maria, transformada em 1992 na RA XIII, por meio da Lei nº 348/92 e o Decreto nº 14.604/93, e as terras do então Recanto das Emas que se transformou na RA XV em 27 de julho de 1993 pela Lei nº 510/93 e o Decreto nº 15.046/93.

A Região Administrativa do Gama é formada por área urbana e rural. A área urbana está dividida em 6 (seis) setores: Norte, Sul, Leste, Oeste, Central e de Indústria.

O projeto da cidade lembra o formato de uma colméia. As quadras possuem formato hexagonal e, internamente um, formato triangular, com uma média de 96 a 100 lotes. Em cada triângulo, há um setor comercial.”

A área rural é formada pelo Núcleo Rural Monjolo, pela Colônia Agrícola Ponte Alta, Córrego Crispim, Núcleo Rural Ponte Alta de Baixo, Ponte Alta Norte e Alagado.

A Região Administrativa tem como Santo Padroeiro São Sebastião, com data de Culto Público em 20 de janeiro, sendo ponto facultativo na Região Administrativa, conforme Lei n.º 2.908, de 05/02/2002.

Falado um pouco da história do Gama entramos agora no universo do espaço investigado, a escola:

A escola classe 22 do Gama, situado à EQ. 33/49 PRAÇA 01 A.E S/CENTRAL GAMA-DF.

Encontram-se regularmente matriculados nesta instituição escolar aproximadamente 720 alunos, distribuídos em turmas do maternal à 4ª série do Ensino Fundamental, totalizando 22 turmas.

O número de alunos por sala atende o que determina a Estratégia de Matrícula das escolas públicas do DF, o que não significa que a escola esteja preparada estruturalmente para atender às exigências deste documento. Os professores reclamam bastante da quantidade de alunos por sala (25 na educação infantil e até 35 nos anos iniciais). Novamente, alguns alunos portadores de necessidades especiais da Educação Infantil deixaram de ser contemplados com as reduções previstas pela Equipe de Apoio à Aprendizagem, em função de não autorização da SUBIP. Muitas crianças da comunidade entre 3 e 4 anos ficaram sem atendimento por causa do número de vagas disponíveis. É constante a procura de vagas para turmas de Educação Infantil nas referidas idades. É importante ressaltar que a demanda por vaga nesta escola é enorme, haja vista a localização da mesma que é bem centralizada dentro da cidade (veja mapa apêndice 3)

Analisando o PPP da escola, pode-se notar uma enorme busca por resolver os problemas enfrentados pela escola dentro de seu contexto escolar, dentro dessa tentativa percebe-se a preocupação constante com a violência que está sempre presente no contexto escolar e que corriqueiramente mostra sua face dentro da escola

A clientela que compõe atualmente o corpo discente da escola é proveniente das seguintes áreas: Gama, DF Novo Gama GO, Valparaíso GO e Santa Maria a matrícula é vinculada ao DF pelo número 156 da secretaria de administração e atendimento na própria escola através do remanejamento interno e vagas remanescentes. São alunos de classe média baixa, predominando famílias onde pais e mães trabalham fora, empregados em várias áreas. A maioria recebe auxílio de programas do governo e ainda sim, a escassez de recursos é uma constante no meio. Vale ressaltar que a comunidade enfrenta muitos problemas sociais tais como drogas, violência doméstica e homicídios entre outros.

Um fator que vem dificultando o bom desempenho dos alunos é a falta de participação da família no processo ensino-aprendizagem dos filhos, de forma que podemos observar os efeitos negativos destas negligências que na maioria das vezes advêm da desestruturação familiar, ou seja, crianças que são criadas com avós, tios, etc. Observa-se que alguns alunos demonstram pouco interesse em participar das atividades propostas pelos professores. Outro fator de dificuldades é a falta de integração e participação efetiva de alguns profissionais da educação em seu trabalho pedagógico. Entretanto, a escola é um espaço aberto à comunidade, e tem uma boa relação com todos os integrantes da sociedade Gama.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 20 de dezembro de 1996, consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral e em particular para com o Ensino Fundamental, assegurando a todos “a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, fato que confere ao Ensino Fundamental, ao mesmo tempo, um caráter de terminalidade e continuidade.

A Escola Classe 22 do Gama apesar de todos os problemas enfrentados diariamente, como a grande maioria das escolas públicas do DF, mostrou ser um espaço muito dinâmico e concreto da construção do conhecimento. Lá as crianças contam com apoio pedagógico e com aulas de reforço e projetos que auxiliam sua grade acadêmica. Um espaço social e democrático, que visa à promoção do aluno para a vida, uma instituição que além de tudo é muito querida por todos os seus integrantes e pela comunidade em geral.

A escola desenvolve vários projetos, que englobam a comunidade escolar em geral, fazendo desse espaço um berçário da diversidade cultural existente na comunidade, dentre esse vários projetos tive a oportunidade de acompanhar de perto dois deles, que estão em anexo a esse trabalho. O primeiro intitula-se Eu não aceito, e é sobre a violência sexual de crianças e adolescentes, conta diretamente com a participação de toda a comunidade escola, o segundo chamado de Bem-me-quer, diz respeito a indisciplina e violência dentro dos ambientes escolares, visa uma melhor compreensão e desenvolvimento de valores agregados, como a solidariedade, a amizade entre outros.

Parte III

Perspectivas para o futuro profissional

Toda minha vida pensei em atuar na área de educação, ao longo de minha formação docente tive o privilégio de expandir meus horizontes, e ver de perto como a educação pode emancipar o cidadão. Paulo Freire, em sua obra dizia.”Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”

A educação traz a tona, um caráter mais humano das relações sociais entre os atores envolvidos no processo educacional. Edgar Moran em um trecho de sua obra diz:

“A educação é um processo gradual de aprender a discernir o que pode ajudar-nos a construir uma vida que valha a pena, entre tantas opções possíveis, que nos instrumentalize para ser mais livres, mais autônomos, mais realizados.

A educação nos ajuda a aprender a selecionar, avaliar e contextualizar o que é mais significativo, importante entre tantas informações que nos inundam sem parar, entre tantos sentimentos que despertam, entre tantos valores contraditórios. “Aprender a desaprender, a deixar de lado o que já não nos serve mais, o passado que nos oprime, tolhe, a gerenciar melhor nossas escolhas pessoais, afetivas, profissionais cada vez mais coerentes, autênticas, desafiadoras e realizadoras.”

A educação é um processo, eterno e constante. Em 2002 comecei a traçar meu percurso na área da educação ingressando no curso normal em nível médio, em 2006 dei continuidade ao ingressar no curso de Pedagogia na UNB, em 2009 Passando ingressando na SEEDF, como professor substituto, comecei a trabalhar na área de fato e pude perceber meu interesse verdadeiro pela educação, e agora com minha aprovação para o quadro efetivo de professor de educação básica no DF no concurso SEPLAG/EDUCAÇÃO 2010, e minha nomeação em presente data mais uma porta se abre em minha caminhada.

Tendo em vista isso, tenho uma perspectiva bastante favorável da continuação de meus estudos, pretendo ingressar na pós-graduação da UNB como aluno regular, a fim de aperfeiçoar cada vez mais minha prática pedagógica, e minha postura profissional, diante deste processo gradual e infundável que é a profissão de pedagogo.

Para dar conclusão a este trabalho, não poderia deixar de citar, uma pessoa que foi visionária para sua época, e que contribuiu muito para o processo

educacional que temos hoje. “Um país se faz com homens e livros” (Monteiro Lobato)

ANEXOS

Anexo I

PROJETO:

EU NÃO ACEITO!

**ESCOLA, ALUNOS E FAMÍLIA UNIDOS NO ENFRENTAMENTO A
VIOLÊNCIA SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Abril /2010

I. APRESENTAÇÃO

O presente projeto se configura em ações de combate e prevenção ao abuso sexual de crianças e adolescentes na Escola Classe 22 do Gama.

A necessidade de um projeto interventivo nessa área se deu após levantamento feito pelo Serviço de Orientação Educacional que constatou um número relativamente alto de suspeitas de alunos abusados sexualmente.

Apesar das suspeitas, os professores não denunciavam os casos por medo e falta de capacitação para lidar com o problema e fazer os encaminhamentos necessários. Essa realidade mudou com a ida do Serviço de Orientação Educacional para a escola. Os professores começaram direcionar para ao orientador educacional os casos suspeitos ou confirmados de abusos.

Nesse contexto de medo, despreparo e falta de informação dos professores o Serviço de Orientação Educacional resolveu trabalhar essa questão em três frentes: corpo docente, alunos e família.

Um trabalho realmente eficaz nessa área deve atingir todas as esferas do ambiente educacional.

Pretende-se com o projeto sensibilizar toda a comunidade escolar sobre o Abuso Sexual, capacitar o corpo docente sobre como lidar com a situação, fortalecer os vínculos familiares e ensinar os alunos a se protegerem e a procurar ajuda quando necessário.

II. Objetivos

Geral

Fortalecer as relações familiares e o espaço escolar no enfrentamento à violência sexual contra a criança e o adolescente.

Específicos:

Sensibilizar alunos, professores e comunidade para a temática da violência;

Reconhecer escola enquanto espaço legítimo para intervenção de enfrentamento à violência sexual em uma perspectiva de prevenção.

Capacitar os professores para a prevenção, identificação e sobre como agir em casos de suspeita ou confirmação de abuso sexual;

Oferecer informações aos alunos, pais e professores como forma de prevenção de casos de abuso sexual;

Procurar parcerias com ongs, entidades governamentais e profissionais habilitados para lidar com questões de abuso sexual;

Fortalecimento das relações escola/família/alunos;

Promover debates, oficinas e conferências sobre temas como pedofilia, tipos de violência e sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente;

Tornar a Escola Classe 22 um Centro de Referência no combate ao abuso sexual de crianças e adolescente;

Trabalhar com os alunos a valorização do próprio corpo, o reconhecimento dos diversos tipos de toques (adequados e inadequados), reconhecimento do papel do aluno na família, na escola e na sociedade.

III. Desenvolvimento:

O projeto será desenvolvido em três frentes: corpo docente, família e alunos. Para que isso aconteça de maneira eficiente pretende implantar o projeto em fases durante todo o ano letivo de 2010.

A primeira fase será a sensibilização e capacitação do corpo docente para lidar com o abuso sexual.

A segunda fase será a realização de palestra e oficinas que sensibilizem e conscientizem os pais da responsabilidade deles na prevenção e na denúncia de casos de abuso sexual extra-familiar e intra-familiar.

A terceira fase do projeto será desenvolvida com os alunos no sentido de orientá-los sobre o que é abuso sexual, a quem procurar ajuda como denunciar, etc.

É importante ressaltar que algumas ações já estão em fase de andamento no período letivo de 2009. São elas: busca de material sobre o tema, busca de parcerias com o TJDF, Vara da Infância e Ongs para a realização do projeto.

IV. Planejamento:

1ª Fase: Professores: Sensibilização e Capacitação

Preparação de pastas com material de estudo sobre a violência contra a criança com ênfase no abuso sexual;

Utilização das coordenações coletivas para estudos, debates, palestras e dinâmicas que visem a capacitação dos professores no enfrentamento à violência.

Auxiliar o corpo docente na elaboração de aulas, dinâmicas e materiais didático para trabalhar o tema da violência com os alunos em sala de aula.

2ª Fase: Família: Sensibilização e Fortalecimento

Sensibilização da família sobre a violência contra a criança e o adolescente;

Debates, palestras e oficinas direcionadas à família a cerca da violência;

Fortalecer as relações família x aluno, aluno x escola e família x escola;

Sensibilização dos pais a cerca da denúncia e do seu papel na prevenção e combate à violência;

Oferecer por meio de ongs, entidades governamentais e profissionais voluntários apoio psicológico as famílias vítimas de violência e/ou terapia familiar.

3ª Fase: Alunos: Sensibilização e Orientação

Conhecimento de si mesmo e do seu corpo;

Reconhecimento do seu papel na família, na escola e na sociedade;

Aprender a reconhecer os tipos de toques (adequados e inadequados);

Debater temas como pedofilia, os diversos tipos de violência, valorização do próprio corpo e sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente;

Oferecer aos alunos conhecimento sobre o que é abuso sexual, como agir, como denunciar.

Trabalhar com os alunos noções sobre o que é amor, o que é carinho, qual o papel dos pais, quais os nossos direitos e deveres;

Oferecer por meio de ongs, entidades governamentais e profissionais voluntários apoio psicológico aos alunos vítimas de violência e/ou terapia familiar.

V. Metodologia:

Palestra, oficinas, exposições, trabalhos em grupo e individuais.

VI. Recursos Humanos:

Toda a equipe de funcionários da escola.

VII. Avaliação:

A avaliação do projeto será realizada sistematicamente integrando toda a comunidade escolar.

Os participantes farão uma auto-avaliação e uma avaliação após o término de cada evento ou atividade.

VIII. Cronograma:

1ª Fase: Fevereiro a Abril de 2010

2ª Fase: Maio a Novembro de 2010

3ª Fase : Maio a Novembro de 2010

Evento sobre Violência (trabalhos dos alunos): Dezembro de 2010. É importante ressaltar que as fases 2 e 3 serão realizadas simultaneamente.

CONCLUSÃO

Sabemos que um projeto tão abrangente nessa área não é fácil, no entanto, não é impossível.

É importante ressaltar que o sucesso desse projeto depende da união e mobilização do Serviço de Orientação Educacional, direção, corpo docente, alunos e familiares.

O pontapé inicial para a realização do projeto já foi dado pelo Serviço de Orientação Educacional.

Já conseguimos alguns materiais para o desenvolvimento do tema, os professores e a direção da escola já foram conscientizados de que esse trabalho é necessário e já houve uma primeira reunião com os pais dos alunos informando sobre o que é abuso sexual e o que fazer para evitar. Os pais serão conscientizados que este é um dos focos do trabalho da escola em 2010.

Anexo II

PROJETO BEM QUERER: Educação dos Filhos: Desistir? Nunca!

*"Uma verdadeira viagem de descoberta
não é procurar novas terras,
mas ter um olhar novo."*

Marcel Proust

Abril - 2010

I. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

Escola Classe 22 do Gama

Telefone: (061) 3901-8120

Diretora: Sônia Cléia

Vice- Diretora: Simone Soltau

Supervisora Pedagógica: Zenilda Vilarins

Orientadora Educacional: Ana Cláudia Costa Medeiros

Modalidade de Ensino: A Escola Classe 22 do Gama oferece 1º e 2º Períodos da Educação Infantil, Educação Especial, Ensino Fundamental da 1ª Série à 4ª Série de 08 anos e do 1º Ano ao 5º do Ensino de 09 anos. A faixa etária dos alunos varia entre quatro anos a quatorze anos, sendo que uma parcela de alunos estão em defasagem idade/série.

II. INTRODUÇÃO

O Serviço de Orientação Educacional da Escola Classe 22 do Gama detectou nos anos de 2008 e 2009, que na maioria dos casos de indisciplina e dificuldades de aprendizagem encaminhados ao SOE (Serviço de Orientação Educacional), havia a ausência de acompanhamento familiar nas atividades escolares.

Sabemos que a família e a escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano. São marcos de referência existencial e quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito.

A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

É importante que pais, professores, filhos/alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões envolvidas no seu dia a dia sem cair no julgamento “culpado x inocente”, mas buscando compreender as nuances de cada situação, uma vez que tudo o que se relaciona aos filhos tem a ver, de algum modo, com os pais e vice-versa, bem como tudo o que se relaciona com os alunos tem a ver sob algum ângulo com a escola e vice-versa.

O envolvimento da família no ambiente escolar nos dias atuais é considerado componente importante para o desempenho ideal das instituições de ensino. Família e escola devem falar a mesma língua, difundir os mesmos valores e precisam conhecer seus papéis, direitos e deveres na educação das crianças e adolescentes.

Este projeto se propõe a incluir a família como parceira e colaboradora no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o resgate da autoestima dos alunos e para o fortalecimento da relação escola/família.

O projeto será realizado ao longo do ano letivo com encontros mensais ou bimestrais de acordo com a disponibilidade dos pais e de espaço físico na escola.

Espera-se realizar no mínimo 05 encontros com os temas:

Como Acompanhar a Educação de meus Filhos (Direitos e Deveres do Pais e Alunos);

Prevenção ao Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes

Limites;

Valores e Autoestima.

Durante a realização dos encontros espera-se que a família nos forneça informações que vão nos ajudar a compreender melhor o aluno e facilitar as intervenções do Serviço de Orientação Educacional. Não existe um manual de regras. O importante é que a família não abra mão de colaborar com a escola na busca de soluções para as questões acima apresentadas.

III. JUSTIFICATIVA DO PROJETO:

A cada dia se defende a necessidade da participação da família como parceira da escola a fim de se garantir mecanismos de efetivação dos resultados escolares. A escola, por sua vez, resente-se ao constatar que no contexto da vida familiar da maioria dos nossos alunos é ausente o apoio e os ensinamentos primordiais na formação da personalidade dos mesmos. Essa situação acaba por justificar o ambiente conflituoso, desgastante e pouco afetivo em que se transforma a escola, interferindo, negativamente, no processo de ensino aprendizagem.

É fundamental que os direcionamentos entre ambas as instituições sejam coerentes para que se possibilitem a conscientização de suas responsabilidades como cidadãos críticos e imbuídos de interesse e esforço.

Este projeto se propõe a facilitar o trabalho em conjunto (escola e família) na perspectiva de buscar, juntas, alternativas e soluções.

Nesse sentido a escola deixa de ter apenas caráter de transmissora de conhecimentos, para ter um olhar amplo sobre a dinâmica da vida social, efetiva e

responsável dos alunos. Então o papel da escola transcende ao mero caráter técnico para trabalhar de forma a proporcionar aos alunos a formação do pensamento crítico e reflexivo e isto se faz também com o apoio e participação relevante dos pais, que são seus primeiros educadores.

Quando a parceria família e escola forem formadas desde o início da vida escolar, a criança só tem a ganhar, pois quando os dois lados falam a mesma língua e tem os mesmos valores não existem conflitos e discordância na aprendizagem da criança.

IV. OBJETIVOS

Geral

Promover o envolvimento e a participação efetiva dos pais na vida escolar de seus filhos.

Específico

Conscientizar a família do seu papel no processo de aprendizagem dos filhos;

Refletir sobre os limites da escola X da família;

Discutir a cerca dos direitos e deveres dos pais e dos alunos;

Oferecer aos pais embasamento teórico a cerca do processo educativo dos filhos;

Tirar dúvidas sobre como estabelecer limites, características das faixas etárias e sobre a sexualidade dos alunos.

V. PÚBLICO ALVO:

Toda a Comunidade Escolar.

VI. TEMAS PROPOSTOS:

Como acompanhar a educação de meus filhos? (Direitos e Deveres do Pais e Alunos);

Prevenção ao Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes;

Limites;

Valores e Autoestima.

VII. REFERENCIAL TEÓRICO:

Percebemos atualmente que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola, pois uma depende da outra para alcançar seu maior objetivo: fazer com que o educando/filho aprenda e seja um cidadão maduro, participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições.

A escola necessita saber que é uma instituição que complementa a família, e que ambas precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno (TIBA, 1996, p. 140).

É importante ressaltar que apesar de se complementarem escola e família possuem funções distintas. Uma não substitui a outra. A escola não substitui a família assim como a família não substitui a escola.

A parceria escola/família implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas enquanto troca de favores, mas cooperando: supor afetos, permitir escolhas e desejos, para que a criança desenvolva-se integralmente. Se o educando/filho não cumpre as regras da escola porque os pais acobertam e discordam da escola, a criança aproveita-se destas divergências.

Pensar nessa parceria requer que a escola tome consciência e não proponha reuniões baseadas em temas teóricos e abstratos, sem planejamento adequado, onde só o condutor da reunião pode falar.

A construção dessa parceria é função da escola. Percebe-se hoje nas famílias sentimentos de vergonha, ansiedade e de incapacidade na criação dos filhos. As famílias não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores dos seus filhos lhes entregam e ou transferem nas reuniões de pais.

Segundo Tiba (2002, p. 67), faz parte do instinto de perpetuação os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os torna como seres civilizados. Atualmente nas escolas e em casa, os pais/educadores não sabem mais como fazer para que as crianças sejam disciplinadas.

Encontramos a resposta desta dificuldade nas próprias gerações, esta geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e muito sofrido. A

geração dos avós educou seus filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical. Devido a isso os pais viveram massacrados pelo autoritarismo. Com a intenção de não repetir o mesmo, estes criaram seus filhos de forma extremamente permissiva, aderindo a horizontalidade. Esta geração é o reflexo disso tudo, inclusive erro do instinto materno de se sentir culpada por ficar fora de casa o dia todo, pois trabalha fora. Se o filho tem problemas de disciplina na escola, a mãe pensa: onde foi que eu errei. A mãe continua transferindo para si toda a responsabilidade de educar seus filhos, e o pai não se sente cobrado da mesma maneira. Desde os primórdios o homem trazia o alimento para a sua família e descansava enquanto a mulher preparava a refeição. Hoje ainda percebemos muito disso, por mais que tenhamos evoluído o que ficou registrado no ser humano dificilmente se altera. É necessária uma conscientização muito grande para que todos se sintam envolvidos nesse processo de constantemente educar os filhos/educandos.

Segundo Tiba (2002, p. 74), as crianças precisam sentir que pertencem a uma família. Sabemos que a família é a base para qualquer ser, não referimos aqui somente família de sangue, mas também famílias construídas através de laços de afeto. Família no sentido mais amplo: um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo e estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. É por meio dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada.

Conforme Tiba (1996, p. 13) nos diz “recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações”. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acredita no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de que eles tenham criado asas para vôos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O adolescente que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato. Além disso, a permissividade dos pais é entendida pelo adolescente como desinteresse, abandono, desamor e negligência. A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

Como já foi dito anteriormente família e escola possuem papéis distintos que se complementam. Os pais não devem delegar única e exclusivamente a função que é deles (ex: cuidar, oferecer as condições mínimas de sobrevivência, ensinar valores, etc.) para a escola. Assim como a escola deve cumprir o seu papel de transmitir os conhecimentos exigidos pelo currículo e de formar cidadãos críticos e plenos para o exercício da cidadania.

A relação escola/família deve ser baseada no respeito mútuo, o que significa tornar os papéis de pais e professores paralelos, para garantir aos pais a possibilidade de expor suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista.

A escola deve oportunizar as famílias a vivenciarem reflexões de forma que lhes possibilite a reconstrução da auto-estima, afim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados pela instituição escolar, além de fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação.

VIII. METODOLOGIA:

Apresentação do projeto à direção ao corpo docente da escola proporcionando espaço para apreciação dos temas propostos e/ou sugestões de outros.

O projeto será desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional da Escola Classe 22 do Gama com a parceria da Direção, Supervisão Pedagógica, Coordenação, professores e Servidores da escola.

Serão organizados encontros mensais ou bimestrais e espera-se realizar cerca de 4 encontros durante o ano letivo de 2010.

A cada encontro serão realizados trabalhos com objetivos específicos a serem contemplados enfocando um tema determinado.

Os temas serão direcionados aos pais ou responsáveis com o objetivo de sensibilizar sobre a importância do apoio dos pais na vida escolar de seus filhos.

Além de sensibilizar, o projeto se propõe a oferecer embasamento teórico e prático para os pais que não sabem como fazer o acompanhamento escolar de seus filhos.

Os temas serão abordados com diferentes métodos de apresentação: oficinas, filmes, palestras, dinâmicas e etc.

IX. CRONOGRAMA:

Todo o Ano Letivo de 2010.

X. AVALIAÇÃO:

Por meio dos depoimentos dos pais e questionários de avaliação.

XI. PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS:

1º Encontro:

Como Acompanhar a Educação dos Meus Filhos? (Os direitos e Deveres dos Pais e Alunos)

Objetivo:

Sensibilizar a cerca dos direitos e deveres dos pais e alunos na escola;

Conscientizar sobre o papel imprescindível da família no auxílio ao processo de ensino/aprendizagem.

Oferecer orientações aos pais a cerca da necessidade do acompanhamento escolar dos filhos, horários para estudo, participação nos eventos, reuniões e convocações da escola.

Recursos:

DVD,
Televisão,
CD Direitos Humanos,
Transparências,
Retroprojektor.

Metodologia:

Dinâmica de Apresentação
Apresentação Curta Metragem: O problema não é meu!
Discussão do Vídeo Apresentado.

Apresentação de Slides: Direitos e Deveres do Pais e Alunos.

Debate:

Quais são os meus direitos e deveres com pai ou mãe de aluno?

Quais as dificuldades que vocês têm em relação ao acompanhamento da vida escolar dos seus filhos?

O que vocês podem fazer para acompanhá-los melhor nesse ano de 2009?

Apresentação em Slides: Só uma vez meu filho terá...

Lembrancinha: Bis em forma de picolé, com a frase “Ki Bom que você veio!”.

2º Encontro:

Prevenção ao Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes

Objetivos:

Sensibilização dos pais sobre o seu papel na prevenção e combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes.

Fortalecer as relações família x aluno, família x escola e aluno x escola.

Recursos:

DVD,
Televisão,
CD Direitos Humanos,
Transparências,
Retroprojektor.

Metodologia:

Apresentação de slides sobre como identificar, prevenir e denunciar suspeitas de abuso sexual;

Debate.

Lembrancinha: Borboleta em EVA com recadinho.

3º Encontro:

Tema a ser definido com o grupo de professores e direção da escola.

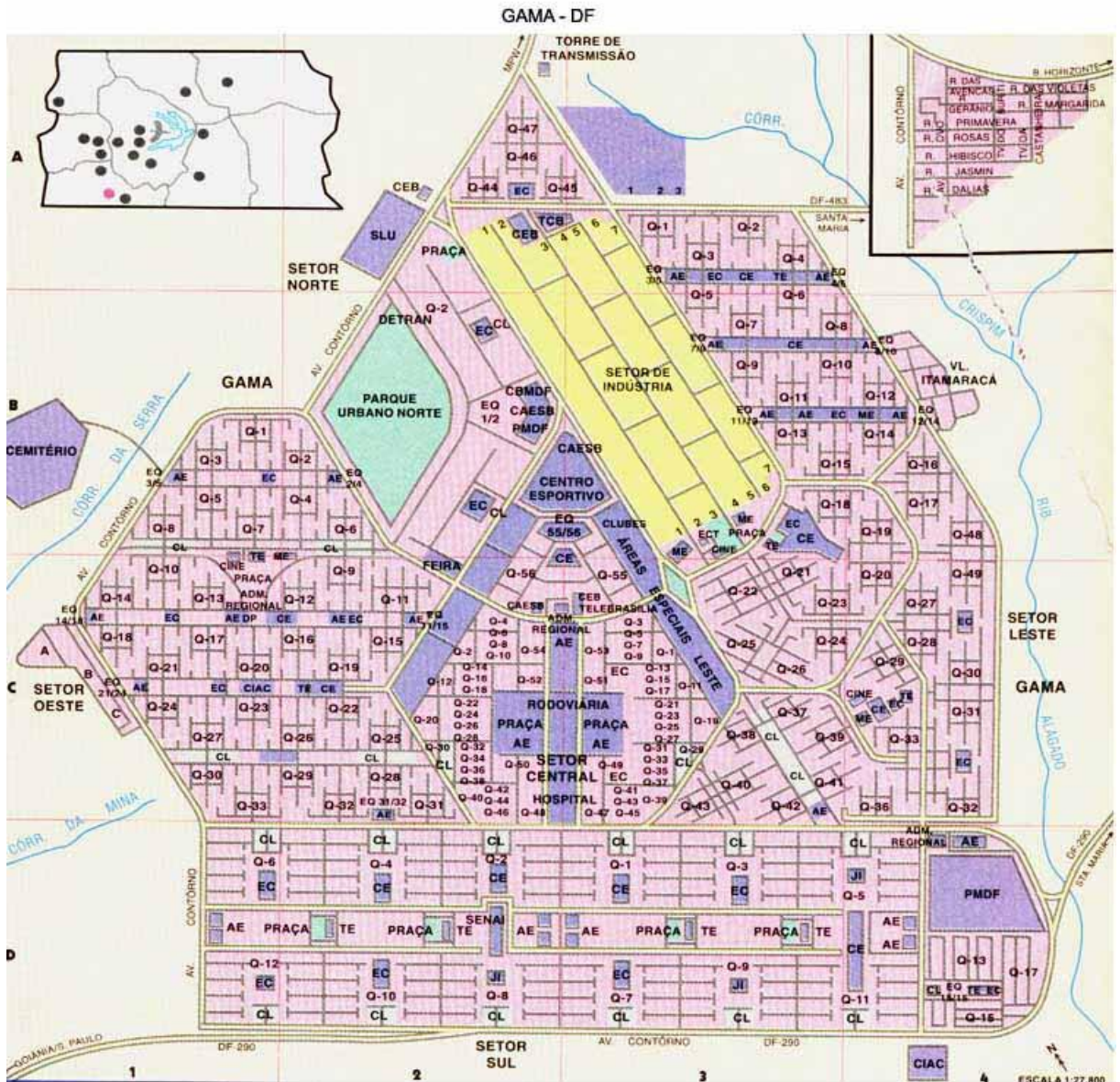
Avaliação do Projeto

Entrega de Certificado de Honra ao Mérito aos pais que participaram de todos os encontros.

Observação: Ao final de cada encontro será confeccionado um cartaz de agradecimento a participação dos pais.

APÊNDICES

Imagem 1



Mapa da cidade do gama fonte: <http://parqueurbanodogama.wordpress.com/mapa/>

Imagem 2



Ilustração de mapa do setor central do Gama. Destaque para localização da escola classe 22 do gama

Imagem 3



Foto da fachada da E.C 22 do Gama. Foto tirada em 19/05/2005. Fonte: <file:///C:/Users/usuario/Favorites/Desktop/EC%2022%20do%20Gama.htm>

Imagem 4



Folclore na escola, Cultura viva, viva a cultura. Culminância do trabalho realizado sobre o folclore, amostragem do patrimônio cultural do nosso país. Dezembro de 2010.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Editora BH, Alternativa, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

GADOTTI, M. **História das Idéias Pedagógicas**". 8ª Edição, São Paulo: Editora

GHIARDELLI JR, Paulo. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GHIARDELLI JR, Paulo. O que é pedagogia. São Paulo: Brasiliense 1987

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Lei nº 9.394/96

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola – teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004, p 53

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu & e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. Sao Paulo: EPU, 2005. 155. Ática, 2001

SAVIANE, D. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas/SP: Autores Associados, 1994.